

## A percepção do corpo próprio e o “ser surdo”

Rodrigo Rosso Marques\*

### Resumo

O presente artigo apresenta uma nova forma de ver a pessoa surda, não se encontrando, portanto, nem no paradigma da deficiência, no qual a medicina se manifesta, tampouco na teoria das representações, que fecunda a cultura para constituir o sujeito. O artigo eleva ao pedestal a magnitude de ser e olha a pessoa como ela mesma nas suas potencialidades. Através das leituras de Maurice Merleau-Ponty, concebe o corpo como investigação primeira na constituição do ser, evidenciando especificidades inerentes que emergem no mundo da vida como aspectos culturais. A investigação remete ao olhar centrado às coisas mesmas, ao corpo mesmo, não como objeto de comparação ou objeto de representação, mas sim como ele mesmo na sua integridade e expressão.

**Palavras-chave:** Diferença (Filosofia). Fenomenologia. Pessoa surda.

---

\* Doutor em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professor do Centro de Ciências Humanas da Universidade do Vale do Itajaí. Professor do Centro de Educação a Distância – CEAD da Universidade do Estado de Santa Catarina – Udesc.

Rodrigo Rosso Marques

## **Perception of one's own body and the hearing impaired person**

### **Abstract**

This article presents a new perspective on the hearing impaired person, which is not found either in the paradigm of the disabled, where medical issues are dominant, or in the theory of representations, which focuses on cultural issues. The paper emphasizes the magnitude of being and seeing the person as oneself in his or her potentialities. Through readings of Maurice Merleau-Ponty, it conceives of the body as a primary element in the investigation of the constitution of being, revealing inherent specificities that emerge in life as cultural factors. The investigation turns to the focus on things themselves, the body itself, not as an object for comparison, or an object of representation, but as itself in its integrity and expression.

**Key words:** Difference (Philosophy). Phenomenology. Hearing impaired person.

Atrelado à ideia da constituição do ser, comparece como um desafio apreciar o corpo da pessoa surda como um constituinte de sua essência de Ser Surdo. Eu poderia apegar-me ao extremo da cultura para explicar a experiência dessa evidência do ser, mas isso não me traria as respostas que procuro, tanto porque a experiência que eu reverto em constituinte de mim, em princípio, exige de mim algo que possa acatar a exigência do objeto com o qual adquiro uma nova experiência.

Nessa convicção, “[...] considero meu corpo, que é meu ponto de vista sobre o mundo, como um dos objetos desse mundo. A consciência que eu tinha de me olhar como meio de conhecer, recalco-a e trato meus olhos como fragmentos da matéria” (MERLEAU-PONTY, 1999. p. 108).

A investigação do que proporciona a experiência de ser surdo me parece mais sustentável do que as “representações” que ela produz; o que confere a possibilidade de construir estas experiências, só podemos descrever a partir de uma observação do corpo, a “experiência visual” passa a ser apenas um entre os vários aspectos e, mesmo assim, ela mesma se desprende em diversas partes a serem investigadas. Pois “[...] só posso compreender a função do corpo vivo realizando-a eu mesmo e na medida em que sou um corpo que se levanta em direção ao mundo” (MERLEAU-PONTY, 1999. p. 114).

Por exemplo, poderia descrever nessa mesma experiência visual de modos distintos, de um lado, a rapidez de reflexo com que as pessoas surdas olham os movimentos, como uma pessoa passando por trás é identificada pela sua sombra ou pelo reflexo no vidro de uma janela, ou mesmo pela observação da direção do olhar de outra pessoa. De outro modo, poderíamos identificar numa conversa em língua de sinais, diversos aspectos ao mesmo tempo, como a indagação do movimento da cabeça, a mão que faz o sinal, a direção do olhar que define a pessoa. Aqui se admira a abrangência do olhar fixo a um ponto, que, simultaneamente, “junta” todas essas partes e produz um entendimento. Ainda outro exemplo é o inquietante movimento quando estamos concentrados, uma árvore oscilando do lado de fora, um ventilador de teto entre nós e a lâmpada intriga-nos e fere nossa tranquilidade.

Na realidade, os próprios reflexos nunca são processos cegos: eles se ajustam a um “sentido” da situação, exprimem nossa orientação para um “meio de comportamento” tanto quanto a ação

do “meio geográfico” sobre nós. Eles desenham, a distancia, a estrutura do objeto, sem esperar suas estimulações pontuais. É essa presença global da situação que dá um sentido aos estímulos parciais e que os faz contar, valer ou existir para o organismo. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 118)

Há muitas partes da experiência visual, mas mesmo assim ela ainda é apenas uma “parte entre as partes” na constituição do ser, não há de se pensar como poderia entender essas habilidades descritas acima sem que se destaquem as outras “partes” subentendidas. Ainda que minha percepção seja rápida no movimento de detecção, eu dependo do ângulo de alcance dos meus olhos, para depois, por este ângulo, estabelecer o limite através do movimento de minha cabeça, e também do meu tronco, explorando, de certa forma, a “experiência visual”; não depende apenas de meu globo ocular na sua abrangência, mas também do movimento que executo, da flexibilidade e da disponibilidade do meu corpo. Ainda há a exterioridade, que também promove interferências no meu campo de visão e “altera” a minha experiência visual, porque o corpo é o veículo do ser no mundo, e ter um corpo é, para um ser vivo, juntar-se a um meio definido, confundir-se com certos projetos e empenhar-se continuamente neles (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 122).

Vamos ainda explorar mais um pouco nosso corpo de pessoa surda, vamos às partes, vamos analisar os possíveis, temos o tátil como fonte tradutora dos sons, podemos sentir o motor do carro em funcionamento, sua constância que o diferencia do seu estado de repouso; igualmente, este mesmo tátil que me diz o “ligado/desligado” do motor também me acusa de uma “irregularidade” quando sua vibração se “altera” por uma descarga avariada. De outro modo, posso sentir a aceleração pelo contínuo e crescente vibrar através de minhas mãos, pernas e pés. Este tátil ainda pode nos surpreender, quando vemos uma pessoa surda num clube e percebemos em seus movimentos o acompanhar da diferenciação dos sons como a continuidade de uma música lenta, que denota um tom com leves, altos e baixos movimentos contínuos, ou numa música ritmada, cujos passos acompanham perfeitamente as batidas dos movimentos, levando todo o corpo a ritmar com movimentos próprios de cada dança. Para os incrédulos, tal destreza seria impossível sem a habilidade de ouvir e reconhecer os sons, porém compreende-se que outras “partes” que, se subentende, estão presentes e permitem que tal evento aconteça. Mas como isso seria possível?

Como posso perceber objetos enquanto manejáveis, embora não possa mais manejá-los? É preciso que o manejável tenha deixado de ser aquilo que manejo atualmente para tornar-se aquilo que se pode manejar, tenha deixado de ser um manejável para mim e tenha se tornado um manejável em si. Correlativamente, é preciso que meu corpo seja apreendido não apenas em uma experiência instantânea, singular, plena, ainda mais sob um aspecto de generalidade e como um ser impessoal. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 123)

Obcecado por esta experiência na qual voltamos a nós mesmos na investigação do nosso corpo, percebemos e evidenciamos as diferenças que nele se destacam, e ainda encontramos a expressividade de nosso semblante quando detalhamos informações linguísticas, seja por um movimento da cabeça como negação ou afirmação, seja pelo inflar das bochechas como intensidade, o movimento das sobrancelhas como indagação, os lábios imitando movimentos de motor. Poder-se-ia se tratar apenas de um campo da Linguística no qual podem ser esmeros aspectos gramaticais, mas sem o qual não teriam sentido se, por outro lado, esse corpo atuante não tivesse uma predisponibilidade para tal, desenvolvida e diferenciada a partir de algo que nos exige uma resposta e cujo mundo costumeiro suscita intenções habituais.

Tanto assim, apresenta-se também a flexibilidade de minhas mãos e braços. Com eles, posso, através de inúmeras configurações da mão e dos movimentos, tanto expressar significados como representá-los ou desenhá-los no espaço em frente a meu corpo; posso, em minha mente, criar vários espaços simultaneamente, como uma casa de vários cômodos e entre estes me movimentar, sair do sofá e abrir uma torneira na cozinha. Crio estas imagens na minha mente e as reproduzo em minhas mãos; em cada espaço, em cada ponto que indico há uma referência que lhe concede um significado. Merleau-Ponty aporta uma explanação mais bem definida quando expressa:

É nesse sentido que nosso corpo é comparável a uma obra de arte. Ele é um nó de significações vivas e não a lei de um certo número de termos co-variantes. Uma certa experiência do tátil do braço significa

uma certa experiência tátil do antebraço e dos ombros, um certo aspecto visual do mesmo braço, não que as diferentes percepções táteis, as percepções táteis e as percepções visuais participem todas de um mesmo braço inteligível, como as visões perspectivas de um cubo da idéia do cubo, mas porque o braço visto e o braço tocado, como os diferentes segmentos do braço, fazem, em conjunto, um mesmo gesto. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 210)

Posso, ainda, criar um cenário da natureza e com as mãos, o corpo e a expressão, conferir-lhe movimentos como o rio, cuja água escorre em direção a um declive, ou o vento que acaricia as flores e flutua as folhas, e posso ainda dar mais vida a esse cenário inserindo uma ave planando sobre o anil ou um peixe ao embalo das águas. O corpo está entrelaçado nesse cenário e é parte integrante dele na sua completude; neste momento, não é apenas o corpo físico, mas a transposição de um espetáculo que se anuncia.

Nesse período, trato do corpo em si, o acalento de potencialidades a partir dele mesmo. Enquanto executo minha investigação, ele se apresenta para mim como um objeto desconhecido, pronto a me mostrar as infundáveis façanhas capazes de me surpreender. Dada minha condição de pessoa surda, pode de outras apresentações de meu corpo atender às exigências antes apenas pensadas para as pessoas não surdas. Por isso, quando menciono a questão de entendimento do corpo, faço minhas as palavras de Merleau-Ponty de que deve haver na apresentação do corpo próprio algo que torne impensável sua ausência ou sua variação (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 135).

Esse desconhecido corpo meu que se apresenta só me pode mostrar suas façanhas a partir do encontro dele com as barreiras que surgem e impedem que ele faça algo natural a ele mesmo. Partindo deste contraste, é nele que identifico as potencialidades que nos diferenciam das pessoas não surdas, porque é nelas que meu corpo se mostra diferente através da presença e da ausência, e lhe constitui a genuína condição de ser surdo.

Dessa forma, o meu corpo presente neste mundo, e que se comunica com ele permanentemente, destaca-se como horizonte latente de nossa experiência, presente sem cessar, ele também, antes de todo pensamento determinante (CARMO, 2002, p. 82). Abordando a questão das potencialidades do

nosso corpo, torna-se pertinente abalroar a posição que nos estigmatiza na inferioridade quando estamos sendo rotulados como “deficientes”. Mas voltando ao princípio de investigação primeira, na descoberta da essência na pessoa surda, entendemos que, para alguns estudiosos, a questão do corpo poderia redirecionar as teorias patológicas de recuperação e correção, mas, longe disso, a proposta de Merleau-Ponty aborda a questão do corpo como constituinte de características próprias, indo muito além de uma interpretação mecanicista.

Merleau-Ponty atribui uma importância especial ao corpo, como expresso em Carmo (2002, p. 81):

Para que se perceba a importância que ele atribui ao tema, basta olharmos para o esquema da sua obra *Fenomenologia da Percepção*: na primeira parte pensa o corpo iniciando-se pela sensação; na segunda parte, as análises levam à investigação no mundo percebido, passando pela sexualidade, motricidade e linguagem, para finalmente, na terceira parte, alcançar a discussão sobre a consciência, a temporalidade e a liberdade.

Percebe-se como Merleau-Ponty realiza uma concepção do corpo como um todo, o que nos possibilita pensar a pessoa surda na sua completude como pessoa, e não apenas considerando sua característica cultural.

Outro ponto importante que solicita atenção é o corpo da pessoa surda, pois expõe propriedades inerentes a ela, como, por exemplo, a interpretação visual, o desejo de estar com outro semelhante surdo, o tato mais aguçado, a Língua de Sinais, entre outras características que as distinguem das pessoas não surdas. Seria isso que Merleau-Ponty descreve como limitações corpóreas superadas por um novo significado? (CARMO, 2002, p. 81).

Essas novas significações corpóreas podem ser consideradas como substâncias primeiras advindas fora de nossa consciência, partindo da construção de novas significações e novas causas em consonância com o mundo percebido. Segundo Carmo, Merleau-Ponty expressa que o corpo:

[...] tampouco está na dependência do poder soberano da consciência; em vez disso, ele exerce um papel de mediador por excelência, já que nos põe em permanente contato com o mundo e marca a presença do mundo em nós. (CARMO, 2002, p. 81)

Isso contrasta também com a questão de deficiência, pois se o corpo é capaz de superar limitações através da construção de outras significações, então não há o porquê de considerá-lo “deficiente”, uma vez que, modificando-se, supre as necessidades ditas “faltantes”, reagindo de forma diferente em relação ao meio. Então, já não se trata de um corpo *deficiente*, mas de um corpo *diferente*.

A questão da deficiência está subjugada às teorias patológicas, levando a uma análise mecanicista do corpo e de sua devida “correção”, ignorando uma concepção de corpo, mutante, flexível, que estabelece autonomia de significações constituintes de sua essencialidade.

Percebe-se que o estereótipo de deficiência advém do julgamento de quem não faz parte dela, não vivencia a comunidade à qual atribui a sentença, pois para estes sujeitos de determinada comunidade, considerando o caso das pessoas surdas, a questão da surdez não tem aspecto significativo na vida da pessoa surda, pois todos partilham de especificidades em comum.

Quando as pessoas surdas se encontram, elas podem conversar em Língua de Sinais ou em sua língua materna; segundo suas experiências, conversam sobre coisas que partilham e lhes são comuns, sejam elas familiares, sejam sociais, culturais, econômicas, políticas, mas, em especial, é na apresentação das estratégias que utilizaram para realizar determinado fim que identificamos as significações, aquilo que lhes confere a essência de pessoa surda.

Müller (2001, p. 199), em menção ao corpo:

Se nosso corpo está investido de esquemas corporais – na forma dos quais promovemos o desdobramento temporal de nossa própria extensão e do espaço à nossa volta, então não podemos nivelá-lo às demais ocorrências expressivas do espaço. Se o fizermos, estaremos reduzindo o corpo expressivo ao corpo constituído, estaremos outra vez substituindo o corpo efetivo pelo corpo já concebido ou representado como uma parte do universo das coisas – em-si. Do ponto de vista da nossa existência, de quem efetivamente vive a implicação espaço-temporal de si e do mundo, o corpo expressivo é mais que um fenômeno expressivo dentre outros. [...] Porém, em que sentido podemos admitir que o corpo seja a origem de toda e qualquer forma de expressão no espaço? Em que sentido podemos admitir que o corpo exprima as coisas por meio



das “mãos e dos olhos”? Qual a relação que devemos admitir entre o corpo expressivo e as coisas mundanas?

Tendo levantado alguns aspectos que forneçam um entendimento acerca da essência, num sentido epistemológico, temos a seguinte definição: segundo Chauí (2003), as essências são o conteúdo que a própria razão oferece a si mesma para doar sentido, pois a razão transcendental é doadora de sentido, o sentido é a única realidade existente para a razão e, pelo dicionário de Ximenes (2000), aquilo que constitui a natureza (substância) de uma coisa.

Portanto, é o entendimento da constituição do corpo através da *Fenomenologia da percepção* de Merleau-Ponty que nos permite investigar as especificidades das pessoas, pois, de outra forma, cairíamos numa atitude de representação cultural, ou seja, faríamos uma confusão generalizada com o conceito de identidade.

Não poderia deixar de explicitar a associação das especificidades do corpo com a questão da essência como apresentado acima, pois é nele que nós, pessoas surdas, nos apresentamos ao mundo de forma não comum às pessoas surdas; a ignorância no assunto, muitas vezes, conduziu-nos a uma interpretação pejorativa e subjacente. As línguas de sinais, por exemplo, foram e continuam sendo para muitas pessoas uma espécie de mímica, apesar de já ter seu status linguístico comprovado com as pesquisas iniciais de Stokoe (1978) na década de 1960. Os sinais são considerados não recomendados, e comparados a “caretas” e sem significado. Sentir a vibração das ondas sonoras, a expressão “física” do som também foi considerado algo como uma tentativa desesperada de “ouvir” aquilo que as pessoas ouvintes ouviam. É interessante isso. As pessoas surdas são obrigadas, através da vibração do som, a identificar as significações entendidas pelas pessoas não surdas. Mas nunca se perguntou ou, talvez, nunca se pensou que significações, interpretações ou mesmo emoções essa atitude despertou nas pessoas surdas e quais as funções advindas daí. Ou, por exemplo, somos obrigados a entender o significado de uma determinada palavra, que posta em alto volume nos expõe a “fiscalidade”;<sup>1</sup> uma característica produzida em movimentos curtos, alternados, verticais, contínuos e, dependendo da palavra, esses movimentos podem inverter aleatoriamente esses aspectos, bem como expandi-los ou diminuí-los. Podem ainda provocar prazer, paz, lembranças, mas também podem provocar irritações, impotências e revoltas. Muitos outros aspectos estariam sujeitos à submissão pelas imposições que cerceavam

a tentativa maçante de se perceber apenas um aspecto que não outro a não ser da pessoa não surda, ou, mais especificamente, a percepção da fisicalidade está condicionada à decodificação da palavra através do som.

A ausência deste ato perceptivo deixa passar despercebido um conhecimento sobre o enigmático “mundo do silêncio” ou “mundo dos surdos”, local onde corpos se expressam, pessoas se reconhecem;

[...] é a experiência revelada sob o espaço objetivo, no qual finalmente o corpo toma lugar; uma espacialidade primordial da qual a primeira é apenas o invólucro e que se confunde com o próprio ser do corpo, Ser Corpo, nós o vimos; é estar atado a um certo mundo, e nosso corpo não está primeiramente no espaço: ele é o espaço. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 205)

Através da atitude fenomenológica nos estudos sobre o corpo, podemos perceber a pessoa surda na sua condição de sujeito cognoscente, ativo, participativo, atuante, militante, é o Ser em questão, não mais aquele de deveria ser, mas aquele que é, pois, como disse Merleau-Ponty (1999, p. 208), “[...] não estou diante do meu corpo, estou no meu corpo, ou antes, sou meu corpo”. Dessa forma, concluo com ele que, se, refletindo sobre a essência da subjetividade, eu a encontro ligada à essência do corpo e à essência do mundo, é porque minha existência como subjetividade é uma, a mesma existência minha como corpo e com a existência do mundo, e porque finalmente o sujeito que sou, concretamente tomado, é inseparável deste corpo-aqui e deste mundo-aqui. “O mundo e o corpo ontológicos que reconhecemos no coração do sujeito não são o mundo em idéia ou o corpo em idéia, é o próprio mundo contraído em uma apreensão global, são o próprio corpo como corpo cognoscente” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 547).

Percebo, então, que a caracterização das pessoas surdas parte estereotipada à percepção do outro deixou marcas e prejuízos que até então tenta-se resgatar na história. As teorias da representação tentaram esse resgate, porém chocaram-se com o “corpo deficiente”, cujo privilégio da medicina na busca da “perfeição” classificou às representações culturais a tentativa de encobrir possíveis desvios considerados como deficientes.

Foi partindo desse conflito que busquei na Fenomenologia uma resposta que desse a estes pensamentos uma forma coerente, que oportunizasse uma

construção e um desenvolvimento possível para a pessoa surda, ou seja, que no reconhecimento do ser a cultura não seja uma cegueira e a medicina se abstenha de tentar corrigir o corpo da pessoa surda e, em vez disso, investigue-o, descobrindo novas potencialidades, viabilizando, através da tecnologia, a criação de novas estratégias que atendam às necessidades das pessoas surdas.

### Nota

1 Entenda-se aqui a fisicalidade como a expressão física do som.

### Referências

- CARMO, Paulo Sérgio do. *Merleau-Ponty: uma introdução*. São Paulo: EDUC, 2002.
- CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. 13. ed. São Paulo: Ática, 2003.
- MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MÜLLER, Marcos José. *Merleau-Ponty: acerca da expressão*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- STOKOE, W.C. *Sign Language Structure*. Silver Spring: Linstok Press. 1978.
- XIMENES, Sérgio. *Dicionário da Língua Portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Ediouro, 2000.

**Rodrigo Rosso Marques**

*E-mail:* rodrigorosso@hotmial.com

Recebido em: 4/3/2009

Aprovado em: 5/5/2009